

CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Última Hora

Class.:

1371

Data:

15.01.90

Pg.:

## Os ianomâmis emparedados

A tragédia do povo ianomâmi, ameaçado de extinção pela presença incômoda de um garimpo selvagem no coração de seu território, põe a nu, simultaneamente, três graves problemas que os Governos da República apenas "brincaram" de resolver: a questão indígena propriamente dita; a questão ecológica e a questão social. De quebra, como pano de fundo, uma indigesta questão fiscal: o garimpo, através de seus atravessadores internacionais, sonega quase a metade do ouro que extrai das terras indígenas. Ouro que evadido pela fronteira vai parar no Uruguai, que sem ter o metal transformou-se no maior exportador da América do Sul. Some-se a isso um explosivo ingrediente de corrupção, que envolve agências e agentes do Governo incumbidos da preservação das etnias indígenas.

DURANTE anos, permitiu-se o assédio consentido e sem nenhum controle de levas de aventureiros que em busca do ouro implantaram suas leis e suas regras de convivência, à margem da lei maior, em terras onde milenarmente habitava uma das culturas preservadas mais antigas do planeta.

QUANDO sua presença se converteu numa ameaça irreversível à sobrevivência dos índios, o Governo houve por bem retirar os garimpeiros de suas terras. Mas, então, sem saber o que fazer com um exército de quase 50 mil aventureiros, defrontou-se com um problema ainda mais intragável: onde colocá-los?

MAL solucionada a questão indígena, a questão social representada pelo desalento de milhares de mineradores sem sua fonte de renda foi encaminhada por vias que só viriam a agravar a situação. Fechados os garimpos, seus exploradores seriam destinados a territórios situados na própria reserva indígena, em regiões protegidas pela legislação das florestas nacionais.

OS entreatos, de uma ação para outra, entraram em cena episódios legais que confrontaram uma decisão judicial com atitudes pessoais improvisadas, ante a iminência de uma explosão de ânimos dos desalojados. Descobriu-se por fim que os estragos do garimpo no território ianomâmi eram tamanhos, o mercúrio usado na extração do ouro deixa tantas seqüelas na natureza, envenenando rios e toda as fontes de vida, que deslocar os mineiros para as florestas de proteção ambiental correspondia a soltar a raposa no galinheiro. E envenenar o resto da Amazônia, sem que se garantisse a sobrevivência dos ianomâmis.

CERTAMENTE que naqueles rincões do setentrião brasileiro, onde a lei sempre tarda e quase nunca funciona, será difícil estabelecer um controle desses movimentos humanos movidos pela eterna sede do ouro. O espantoso é que se tenha deixado a questão chegar onde chegou, quando todas as fórmulas preventivas, que poderiam ter evitado o desastre, se revelam impotentes diante das proporções atingidas pela calamidade.

EMBORA se jacte de tudo fazer pelo social, o Governo mostra uma perigosa miopia no trato tardio e atabalhoado da desocupação das terras ianomâmis e do destino de seus ocupantes espúrios. Ao pretender alojar os garimpeiros em áreas de florestas protetoras revela uma estranha compulsão pelo desastre, que, aliás, tem sido a marca de quase toda a política ecológica, até o advento do Ibama.

O meio de tanta imprecisão, continua dúbia a atitude antiindigenista do Exército, situando-se ao lado dos interesses dos mineradores. Altera-se a legenda de Rondon, depois que o subsolo amazônico foi economicamente mapeado.